

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO OFÍCIOS E MODOS DE FAZER (ADAPTAÇÃO CNFCP)		CÓDIGO DA FICHA					
		MA	01	00	05	F60	01
		UF	Sítio	Loc	ANO	FICHA	No.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Maranhão
LOCALIDADE	Baixada Maranhense e Litoral Ocidental Maranhense
MUNICÍPIO / UF	Santa Helena, Cururupu, Guimarães e Central do Maranhão.

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Bichos e Caretas dos Autos e Matanças		
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Bicharadas e máscaras das palhaçadas e matanças do Bumba-meu-boi.		
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO	☐ MEMÓRIA	☐ RUÍNA

3. EXECUTANTE

EXECUTANTE	Elias Lima Cunha nasceu em 25 de novembro de 1943 e reside no município de Cururupu.	☒ MASCULINO ☐ FEMININO	1
RELAÇÃO COM O BEM	Produz bichos e caretas das comédias do Bumba-meu-boi do município de Cururupu.		
EXECUTANTE	Clodoaldo Carneiro nasceu em 28 de outubro de 1957 e reside em Santa Helena.	☒ MASCULINO ☐ FEMININO	2
RELAÇÃO COM O BEM	Produz bichos e caretas das comédias do Bumba-meu-boi do município de Santa Helena.		
EXECUTANTE	Raimundo Leal nasceu em 1934 e reside no povoado Puca, zona rural do município de Guimarães.	☒ MASCULINO ☐ FEMININO	3
RELAÇÃO COM O BEM	Produz bicharadas e bonecos para comédias de Bumba-meu-boi.		

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**MA 01 00 05 F60 01****4. FOTOS**Obs.: Para lista completa das fotos inventariadas, consultar o *Anexo 2: Registros audiovisuais*.

Fotos 01, 02, 03 e 04: Caretas do Boi Brilho da União (Central do Maranhão)



Fotos 05 e 06: Bichos Boi Brilho da União (Central do Maranhão)



Fotos 07 e 08: Burrinha e Zebra (Guimarães)



Fotos 09 e 10: Bicho e Boneco (Guimarães)

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**MA 01 00 05 F60 01****5. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO**

Caretas e Bichos são componentes fundamentais das comédias realizadas por alguns grupos de Bumba-meu-boi do Maranhão, além de integrarem o repertório de personagens e formas de caracterização plástica de várias brincadeiras que não apresentam dramatizações em meio às danças e cantos de suas brincadas.

No primeiro caso, o processo de produção desses componentes e seus aspectos plásticos e temáticos estão intimamente relacionados à concepção das performances cênicas para as quais esses artefatos se destinam. Essa relação é tão intensa que, em muitos casos, Bichos e Caretas são produzidos pelos próprios brincantes que representam os palhaços, também chamados de chefes de matança ou palhaçada. Por isso, embora os aspectos materiais e a expressividade das técnicas de confecção constituam por si só um universo de conhecimentos amplo e diversificado, ignorar a utilização dos Bichos e Caretas nas palhaçadas dificulta a compreensão das qualidades estéticas desses trabalhos, bem como sua dinâmica de produção, circulação e consumo e seus processos de mudança.

Como destaca MAZZILLO (2005:7), “[...] a careta e sua plasticidade estão diretamente ligados ao uso e à função que ela assume enquanto instrumento de transformação do brincante”. Na comédia, a máscara é de grande importância na construção da personagem, pois, ao colocar a careta, o brincante oculta a sua identidade e vivência a cena de forma mais intensa. Em virtude de suas especificidades plásticas, também permite que o público diferencie as várias figuras presentes na narrativa e, freqüentemente, leva a assistência ao riso devido às suas feições grotescas.

As técnicas de produção também estão ligadas a traços da teatralidade do Bumba-meu-boi e às características dos bichos que serão criados. Assim, quando o brincante “veste” a indumentária ele constrói, através de imitação e estilização de movimentos, o animal que busca representar. Naturalmente, como há muitas espécies de bichos nas comédias, cada elemento requer uma relação específica entre o ator-manipulador e o brinquedo: bichos que representam animais silvestres podem ser feitos para serem manipulados por brincantes ocultos sob sua carcaça e barra (espécie de saia que pende das laterais do brinquedo). Representações de animais de montaria, como burrinhas, ao contrário, deixam o manipulador à mostra da cintura para cima para dar a idéia de que o brincante está cavalgando. Onças e macacos podem, eventualmente, ser representados por brincantes que portam máscaras e macacões de tecido, o que permite uma grande liberdade de movimentos e expressa a agilidade natural desses animais.

Obviamente, nada pode ser generalizado. Como as comédias têm como principal fundamento a inventividade, podem ser criados bichos silvestres, como jacarés e pássaros, por exemplo, que são “montados” pelo manipulador.

É preciso salientar, ainda, que os bichos não são apenas representações plásticas estilizadas de animais. O mesmo termo é usado por alguns brincantes para identificar personagens oníricas e fantásticas, como Bicho de Sete Cabeças, Curacanga e Caipora.

Quanto à estética, os Bichos apresentam maior ou menor grau de naturalismo de acordo com os procedimentos técnicos empregados, a habilidade e a intenção do artista, subordinando-se, também, às funções que o elemento assumirá na cena. O mesmo pode ser dito acerca da Careta, embora predominem traços estilísticos na confecção dessas peças, onde o naturalismo cede lugar, na maioria dos casos, ao grotesco e ao disforme, que provocam riso na assistência.

Esse aspecto reforça a idéia de que a variedade de estilos e gêneros de Caretas e Bichos só pode ser compreendida a partir da dimensão dos sentidos que cada “brinquedo” assume na apresentação.

Não há tipologias rígidas. Os produtores de Bichos e Caretas gozam de liberdade criativa, especialmente porque inovar e surpreender são alguns dos objetivos da encenação das comédias. Cada trabalho é único, mas também pode ser inserido em um estilo ou série de produções. Nelas percebemos o olhar do artista que expressa, através de formas, temas e volumes, uma concepção particular sobre o brinquedo e seu sentido. Num universo plural, constituído de emaranhados de pontos de vista e suas representações visuais, cada artista determina que padrões devem ser mantidos e que atualizações se tornam necessárias. Dessa forma, os artistas entrevistados não apenas são abertos ao “novo”: vêem nele uma forma de se superar. Mesmo porque o lugar desses artefatos são as performances e, por isso, os procedimentos de confecção, a estética, a dimensão e o tema resultam do jogo entre representações visuais e representações cênicas que estão em constante mutação.

Elias Cunha, artesão de Cururupu, destaca um aspecto igualmente relevante: embora não seja possível apresentar as comédias em todos os espaços onde seu grupo brinca, a caracterização dos palhaços identifica a tradição das matanças:

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**MA 01 00 05 F60 01**

“É por que se a brincadeira não tiver a comédia, ela não tem graça [...]. Olha não importa se nós partir pra brincar o Boi aqui e sai daqui a brincadeira pra brincar em São Luís, se nós vamos fazer cinco representação nós não faz a matança, mas o palhaço é todo tempo vestido de palhaço todo tempo lá no cordão porque não dá tempo de fazer porque é representação. A mesma coisa é aqui, se nós formos representar no arraial de lá o palhaço tem que tá vestido lá. Representando lá na brincadeira brincando pra saber que tem o palhaço”.

O mesmo ocorre com Bichos - participantes ou não das comédias. Sua presença agrega valor artístico à apresentação e, de acordo com suas performances, divertem e impressionam a audiência.

Como destaca AMARAL (1996: 74), “sendo o boneco, por essência, imagem e movimento, ele exige uma dramaturgia específica. Esta não reside em ações e palavras, mas se apóia muito mais em gestos e em movimentos de não-ação, seguidos de movimento, nas pausas e nos momentos de silêncio”.

Nessa ótica, apesar das comédias constituírem uma forma de teatro verbal, bichos não são feitos para dar a impressão de que falam. A ação ocorre na dimensão dos gestos dos brincantes que os movimentam e nos sons que eles produzem: “Por que uma onça esturra, ela grita, ela faz aquele grito e a pessoa que sai faz a mesma coisa. O gato faz o gato ele mia pra dizer que é um gato. Um macaco ele tem que gritar como um macaco grita, tudo ele o menino tem que sair e fazer tudo isso como o bicho faz”.

Bichos existem em relação ao seu uso. Falam por si como representações plásticas, mas só alcançam toda sua dimensão expressiva no momento da performance. Estilos e usos de caretas, nessa mesma perspectiva, caminham lado a lado. Configuram-se como um rico panorama de sentidos expressos em diversas possibilidades plásticas.

6. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA ATIVIDADE**6.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS**

Em geral os Bichos e Caretas são confeccionados na própria residência do artesão. Nenhum entrevistado disse praticar sua atividade em um local específico para a produção de artesanato.

6.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS**6.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A ATIVIDADE**

A confecção de Caretas e Bichos depende apenas da aquisição de matérias-primas para a fabricação das mesmas. As ferramentas de produção são adquiridas ou produzidas pelo próprio artista e estão disponíveis em sua moradia.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**MA 01 00 05 F60 01****7. Tempo****7.1. PERIODICIDADE**

A produção de Bichos e Caretas de comédias é uma atividade anual que se relaciona com o período de apresentações dos grupos de Bumba-meu-boi de alguns municípios do Estado.

O período de trabalho para o artesanato dessas peças varia de acordo com o tipo de animal ou boneco solicitado, mas, em geral, as encomendas compreendem o período de janeiro a maio para que em junho o trabalho esteja pronto.

Raimundo Leal, artesão de Guimarães, ressalta que precisa dispor de certo tempo para alcançar o resultado esperado e exemplifica citando a encomenda que recebeu para fazer um bicho de sete cabeças em Guimarães.

"[...] rapaz eu faço, mas não é assim em cima da hora, tem que procurar jeito pra fazer, ver como é pra botar sete cabeça e afinal vocês querem que eu faça... Porque demora muito, fazer de quatro, tem que pensar como é que eu vou colocar as cabeças e tudo pra ficar tudo, parecer. Então eu fiz um de quatro cabeça lá diz que eles gostaram foi muito [...]. Mas aquilo eu fiz à toa".

Clodoaldo Carneiro, todavia, ressalta que as encomendas de máscaras e bichos podem chegar até em junho: "As encomendas chegam muito em cima. Às vezes o Bumba-boi é 24 e aí as encomendas chega abril, maio, junho, com vinte dias ta chegando as encomendas".

7.2. OCORRÊNCIA EFETIVA DESDE 1996

1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒

8. BIOGRAFIA

O ofício de confecção de Bichos e Caretas é realizado por pessoas que atuam em atividades como a lavoura, a carpintaria e a pesca. O ofício não garante aos artistas o sustento e, em alguns casos, apenas ajuda a complementar a renda familiar. De qualquer forma, o ato de fazer careta ou bichos não absorve todo o tempo do produtor.

Para compreensão de alguns aspectos do desenvolvimento da atividade, apresentaremos aqui um breve resumo da forma como cada produtor começou a praticar a atividade e o modo como com ela se relaciona.

Elias Lima Cunha exerce a função de regente no Boi da Boa Vista, de Cururupu. Auxilia também na criação das matanças, além de ser produtor de Caretas e Bichos de Bumba-meu-boi da região. Segundo o brincante:

"a minha função hoje é regente na brincadeira hoje em dia. Mas ainda eu faço ajuda de palhaço, eu ainda adiquiro as matanças que se trata que é as matanças da brincadeira pra representação é uma comédia que se dá o nome. Mas pra nós aqui é uma matança, então eu ainda dou ajuda, ainda ajeito menino, ainda faço aquelas vestimentas pra eles saírem [...]".

Quanto à produção de Caretas e Bichos associados às palhaçadas, Elias Cunha comenta que começou a exercer o ofício aos 20 anos por influência de seu pai, que também era palhaço. O aprendizado de Elias Cunha não contou com a participação sistemática de nenhum outro artesão. A observação e o exercício o capacitaram a produzir seus trabalhos: "Ninguém me ensinou fazer também. Aí eu vou olhando assim eu... aí eu vou fazendo".

Clodoaldo Carneiro, conhecido como Coló, trabalha na confecção de Bichos e Caretas utilizadas em comédias de Bumba-meu-boi na região de Santa Helena desde 1973.

Sobre o processo de aprendizagem do ofício, revela: "Vi o tempo que eu era criança, esse tempo eu ia onde eles estavam fazendo e olhava eles fazendo assim, só olhava mesmo. Aí ia entrar na cabeça. [...] O primeiro bicho que eu fiz foi um jacaré, um tamanduá, foi outro... Foi jacaré, um tamanduá, uma preguiça".

Clodoaldo Carneiro não aprendeu o ofício de forma sistemática. Seus conhecimentos advêm de trocas de experiência com artesãos como Lourenço Pinto, do Boi Capricho de União; e a observação de Bichos e Máscaras.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**MA 01 00 05 F60 01**

Segundo Coló, seus saberes são um dom: “Isso aí foi dote mesmo de cabeça minha, já trouxe de nascença”.

Raimundo Leal, conhecido como Baguinho ou Bagrinho, começou a exercer a atividade de palhaço de Bumba-meu-boi desde muito cedo, criando comédias ou preparando os objetos utilizados na representação das matanças.

Todavia, há oito anos deixou de brincar Bumba-boi devido a um problema de saúde. Raimundo Leal converteu-se ao protestantismo, mas não esquece a época em que brincava Bumba-meu-boi no Puca, povoado onde nasceu, e nas localidades vizinhas. Continua a se envolver com a brincadeira, seja criando comédias, fazendo bichos e bonecos ou instrumentos como pandeiros e zabumbas.

Informa que aprendeu a fazer os instrumentos e bichos das comédias observando a natureza e suas possibilidades temáticas. No desenvolvimento da técnica também teve sucesso devido à sua atividade como carpinteiro, que, além da pesca, é uma de suas fontes de renda. A idéia para fazer bichos e bonecos vem de sua própria imaginação e experiência de vida.

De acordo com o artista,

“[...] a natureza que carrega a gente pra fazer essas coisas. E mesmo eu trabalho um pouquinho de carpina, né? [...] Ninguém me ensinou e eu disse porque hoje eu tô dessa idade e minha vista também é já vai coisando, né? Se não, eu ia deixar meu trabalho no interior e ia fazer só essas coisas. É ia eu ia deixar [...] essa idéia mesmo veio pra minha cabeça já muito tarde”.

9. ATIVIDADE

9.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES.

O trabalho manual agregado às atividades do Bumba-meu-boi foi adquirindo cada vez mais espaço a partir da progressiva solicitação quanto à caracterização da brincadeira. A descrição de um Bumba-boi “à paisana” de tempos atrás, foi cedendo lugar a indumentárias cada vez mais luxuosas, exigindo ainda mais o trabalho de produtores que se especializam na confecção de vestes e “brinquedos”. Por outro lado, o uso de máscaras e bichos na brincadeira é descrito como costume antigo aos grupos, por caracterizarem personagens comuns aos autos de Bumba-meu-boi.

Sobre a presença de personagens com careta na brincadeira, Clodoaldo Carneiro ressaltava, a partir de vivências de sua infância, que esses elementos acompanham o repertório dos grupos há muito tempo. “Isso vem de longos tempos. [...] Já tinha porque eu ia mais mamãe na brincadeira de Boi, eu tinha medo demais de careta. Ai o bicho ainda vinha bem pertinho de mim aí que eu berrava [...]”.

Conforme as transformações sofridas pelos grupos de Boi, alguns dos elementos animados foram se sofisticando, enquanto outros continuaram a explorar como característica fundamental a deformidade e o não-acabamento como forma de provocar o riso. Ainda assim, mesmo as máscaras mais grotescas e inventivas passaram por transformações decorrentes da experimentação de novos materiais e do desenvolvimento dos traços estilísticos de gerações de produtores.

Contribuíram para essas transformações o surgimento ou popularização de materiais industrializados empregados na confecção e ornamentação das caretas e dos bichos. O TNT, o EVA e certos tipos de tinta, entre outros materiais, permitiram aos produtores diversificar as qualidades estéticas de seus trabalhos, apesar de continuarem a recorrer à palha, ao papelão, ao grude de tapioca e a diversos outros elementos que já vinham sendo empregados anteriormente.

Elias Cunha destaca algumas características da careta do Palhaço: “Aí ele [o artista] faz mesmo uma cara perfeita de uma pessoa. Faz com boca torta, faz os olhos torto, quanto mais tudo doido, tudo alejado é bonito. E agora nos já tamos vindo comprando pra gente sair mesmo. A gente compra aquelas máscaras feiona como o quê”

Como o brincante ressaltava, na atualidade, alguns palhaços utilizam máscaras de borracha comuns ao período de carnaval em detrimento das caretas de papelão ou isopor, devido à maior facilidade de aquisição dessas máscaras industrializadas e aos efeitos que elas despertam por serem mais flexíveis.

Como ressaltava Elias Cunha: “É por que nós já encontramos já feita [...] Tem umas de borracha que tudo que a gente fala aqui ela também... Se a gente tá conversando com o chefe ela tá remexendo aí, fazendo todas doidice. Nós faz aí com boca torta é com aqueles nós... Tem muita máscara mesmo nojenta assim”.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**MA 01 00 05 F60 01**

Observa-se, paralelamente, que alguns palhaços realizam intervenções nessas máscaras industrializadas, colocando adereços como cabeleiras, orelhas e outros elementos para complementar a caracterização da personagem. Além disso, como as palhaçadas são marcadas, em alguns casos, por satirizar figuras públicas como políticos conhecidos regional e nacionalmente, a utilização de caretas de plástico que representam tais figuras contribui para que a audiência realize uma leitura mais rápida sobre o conteúdo da cena.

Um aspecto relevante destacado por Elias Cunha diz respeito à criação de caretas com cores mais contrastantes para chamar mais a atenção do público. Essa forma surge como uma outra opção caso o grupo não queira adquirir a careta de plástico:

“Agora hoje em dia pra não comprar a máscara nos já tamos [sic] usando tinta, é vermelha, é preta. Aquelas coisas que espanta. Por que a máscara quanto mais ela medonha, mais ela aparece na brincadeira. Não é uma coisa pra ficar assim bonitinho, não o bonito é assim uma coisa tudo espantado, pra gente correr, pra gritar, assim é que a gente faz”.

A máscara constitui, desse modo, simultaneamente um discurso visual e um recurso cênico, elaborado em um processo que envolve diversos olhares (o de quem encomenda e, em razão disso, idealiza e verbaliza o seu pedido) e o de quem interpreta o pedido e alia, durante a execução do trabalho, sua estética aos desejos do cliente.

9.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

O processo de realização do trabalho passa pela criação imagética das peças a partir de sonhos ou da concepção particular de cada artesão a respeito do resultado final de sua atividade. Segundo Clodoaldo Carneiro, produtor de bichos residente em Santa Helena: “Isso aí é uma mentalidade que à noite eu fico pensando assim como é que eu vou fazer. Aí durmo um sono, quando eu acordo aí eu vou imaginar, que vai entrar na idéia, como é que eu vou fazer: se é de arame, se é de madeira, de varinha. Aí eu vou pensar naquela idéia pra ver se dá certo. Aí eu parto pra fazer de manhã e às vezes da certo”.

Elias Lima Cunha, de Cururupu, também ressalta a dimensão onírica do processo de criação de seus trabalhos:

“Mas quando bate de abril pra frente, aquilo fica assim. Tem noite que eu durmo quando eu espanto, aquilo já me insinua assim nos... Assim uma pessoa como se nós tivesse trabalhando, aí eu tenho que dizer pra eles que eu acho que devia fazer uma coisa assim, assim. Aí tem que colocar pra eles. Eles não, eles brincam, mas não tem assim aquela noção. Quer dizer que o moço lá de Boa Vista, o Seu Edson, ele também é contido com essas coisas, ele tem idéia também pra essas coisas, Seu Edson”.

O apego religioso também faz parte do ofício de produção de máscaras e caretas, uma vez que a promessa a santos também faz parte do repertório simbólico praticado pelos brincantes e que se relaciona com a criação de várias atividades da celebração. Clodoaldo Carneiro, por exemplo, ressalta uma promessa feita há alguns anos a São João: “É por que eu vivia doente e aí eu pedi pra ele melhorar, ficasse bom, aliviasse umas dores que eu tinha no peito. Aí eu continuava brincando. Mas só que eu já falhei esses três anos com ele. Já tem, faz três anos que eu não brinco Boi. Mas também não me dói mais assim como doía, melhorei mais [...]”.

As atividades que Elias Cunha desempenha ou já desempenhou também estão profundamente associadas a sua afinidade com São João e a brincadeira do Bumba-meu-boi.

“[...] tenho aquela devoção com aquele santo, São João, que é o santo verdadeiro que é o primeiro que é representa a brincadeira e a única brincadeira que eu tenho aquela simpatia, é o Bumba-meu-boi. Quer dizer que eu... Se eu to aqui e a brincadeira que eu faço parte, não ‘tando brincando, tendo uma outra que seja de zabumba brincando bem ali, eu saio e vou pra lá”.

Alguns dos artesãos pesquisados participam da brincadeira também como brincantes e agregam o valor simbólico da função que desempenham no grupo ao ofício manual praticado.

Além disso, como em muitos casos o artista produz um determinado Bicho ou Careta especificamente para uma determinada comédia, os aspectos plásticos e a temática do brinquedo associam-se ao universo das narrativas e representações dramáticas encenadas.

Elias Cunha, por exemplo, informa sobre algumas narrativas que tinham o bode como bicho causador da graça das comédias.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**MA 01 00 05 F60 01**

“Nós tínhamos uma matança... Era um bode que nós tinha. Ela foi muito famosa. E nós tínhamos um viajero [sic], quando ele ia partir ele levava aquele dois cofos. Diz que ele vinha de praia. Aí é quando esse bode virava, era tarde da noite e tudo, o bode atacava ele na estrada. Era muita coisa, o bode batia muito nele, jogava cofo de peixe no chão arrastava saia derramando aqui. Nós fizemos aqueles peixes tudinho desenhado e botava no cofo. [...] Aí o bode vinha, mas na hora ele encontrava um famoso amigo, é quem livrava ele do bode, ele ia bater no bode mesmo. Aí ele batia o bode, o bode batia ele. Aí terminava com aquelas histórias e se cobriam lá na meia-lua, mas era muito engraçada mesmo. Porque na hora que ele encontrava com a pessoa, ele berrava, aí o cara partia de coragem porque ele tinha facão, ele fazia e acontecia, mas na hora que o bode partia pra ele, ele ia correr ele se atrapalhava com cofo de peixe. Bode batia ele, fazia tudo. Essa nós tivemos muito nome na história. [...] Em todo lugar que nós chegava eles queriam pra nós fazer. Podia não ter vez, mas eles queriam que nós fizesse porque ela tinha nome na história mesmo”.

Outra narrativa apresentada por Elias diz respeito a um palhaço que tenta matar um carneiro que, após ter bebido tucupi (sumo de mandioca), fica tonto.

“O palhaço chegava e dizia que ele queria pagar uma promessa e ele ia ralar uma massa e tal. Aí tinha lá o catitu e coisa pra fazer a tapioca, tinha a mulher que ia lavar a massa, aí coisava. Na hora que ela tava lavando a massa chegava um palhaço com um casal de animal que era um bode e um carneiro e soltava. Só que soltava e bebia tucupim. Aí ficavam tonto, aí o dono chegava cobrando, os donos dos carneiros cobrando. Aí ele achava que pra ele pagar os bichos. Ele matava aquele mais tonto, ele ia matar o bicho mais tonto. Ele, o dono, chorando por causa daqueles bichos. Aí ele tinha que levar é uns... Uma borracha qualquer, uma coisa leve. Ele ia matar o bicho que ele ia vender pra ele poder pagar. Quer dizer que aí ele não tinha mais jeito. No caso dele matar o bicho ele errava os bichos, ele matava era o dono. Ele batia era o dono do bicho que ele tava chorando com o bicho na mão, aí ele ia bater num dos bichos pra ele matar, pra ele vender, era quando ele dava na cabeça do velho. Ah, era velho que saia. Aí o velho saía daquilo ali: ‘ah, errou, errou!’ O bode saia dando murrada [sic] em gente com carneiro, aí faziam aquela cobertura e iam embora”.

Raimundo Leal, o Baguinho, refere-se à sua última comédia, que tinha como atrativo principal a “bicharada” fruto de seu talento e engenhosidade.

“Derradeiro Boi que eu brinquei eu tinha uma música que falava assim: ‘eu vou chegando com a minha bicharada’. Era um circo que eu transmitia lá pro amo que, eles chamam lá no interior o cantor, é o amo que a gente fala. Aí eu chegava, falava com ele e tal, se eu podia instalar um circo lá na brincadeira dele também que eu queria me apresentar também. E aí ele dava autorização e aí eu entrava com esta brincadeira. Aí certo que tinha várias músicas e já faz tempo eu me lembro desta. Eu vou chegando com a minha bicharada [...] Era zebra, era uma cabra, era uma girafa, era um urubu, era um macaco, era um gato [...]. E aí eu cantava isso aí, ia dançando: ‘eu vou chegando com a minha bicharada, eu vou chegando com a minha bicharada, dança zebra, dança macaco, dança girafa, dança toda bicharada’; Aí eu ia dançando tudo certinho e sempre”.

9.3. CRONOLOGIA

DATA	DESCRIÇÃO
Atualmente	Clodoaldo Carneiro salienta que atualmente há uma exigência por parte da comunidade quanto à sofisticação da caracterização dos grupos de Boi. Informa que no passado a relação estabelecida entre o grupo e o público era menos distante e que não havia tanta cobrança concernente às vestes. Dessa forma, os grupos não eram julgados apenas pela aparência de suas roupas. “E HOJE NÃO SE NÃO TIVER UMA BRINCADEIRA BEM ENFEITADINHA, BONITINHA, TIVER O BRILHO AÍ O POVO ENCARA ASSIM FICA: ‘[...] NÃO TÁ ENFEITADO, NÃO TÁ BONITINHO, TÁ FEIO. QUE ANTIGAMENTE NÃO, ERA MAIS QUEM APLAUDIA E IA ERA BRINCAR MESMO. E HOJE NÃO, HOJE É MAIS DIFERENTE. HOJE É MAIS DIFERENTE JÁ, HOJE O POVO JÁ QUEREM MAIS É O BRILHO: ‘AH O BOI TÁ BONITO, OS BRINCANTES TAMBÉM TÃO TUDO BONITO, BRILHOSO, É BEM BACAINHA. AH! O BOI DE FULANO NÃO PRESTA NÃO TEM BRILHO NENHUM. AH! O DE FULANO TÁ BOM, ESSE TÁ BOM”.
Atualmente	Elias Cunha ressalta, por sua vez, que atualmente os grupos vêm empregando máscaras de plástico nas brincadeiras. “[...] é que faz o Bumba-meu-boi por bem dizer por que isso aí os meninos de palhaço na rua, aquelas máscaras se agrada, falar em compra aí eles vendem pra nós quando termina o carnaval e compra. Tem muita máscara que sai pela rua assim e nós olha... Pro palhaço. Agora pro bicho é nós é que faz.”

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**MA 01 00 05 F60 01**

Não informado

Segundo Felício Martins, do Bumba-meu-boi Turma Unidos de São Sebastião, do município de Central do Maranhão, atualmente as matanças não têm sido realizadas com frequência nas brincadas. Ressalta, todavia, que durante as apresentações fora dos povoados da região, especialmente em comunidades rurais onde o Boi brinca a noite inteira, as matanças ainda são feitas. No entanto, nas apresentações em arraiais - firmadas por contratos com a prefeitura - devido ao tempo de aproximadamente uma hora, o componente dramático tem sido excluído.

"Quando é só uma apresentação de uma hora ou de hora e meia não dá tempo, a gente tem que fazer a brincadeira sair só no batuque, na cantoria, é mais fraco e eles se amostam mesmo só a força de batuque, de cantoria, de reposta dos cantores, é mas não tem como apresentar uma comédia".

A não realização das comédias diminui a quantidade de elementos animados e estilos de máscaras desenvolvidos a cada ano pelos grupos. Todavia, não é um processo que se evidencia da mesma forma nas várias localidades, apesar de, em muitos casos, se relacionar com a implantação do sistema de apresentações "cronometradas" dos arraiais.

10. PRODUTOS PATRIMONIAIS**10.1. REPERTÓRIO OU PRINCIPAIS PRODUTOS**

Há inúmeras tipologias ou estilos de máscaras empregadas nas comédias (também chamadas palhaçadas e matanças) realizadas por alguns grupos de Boi do Estado. As caretas de pano, por exemplo, constituem máscaras feitas de tecido, especialmente de cor preta, com orifícios para os olhos, um nariz longo e cilíndrico feito igualmente de pano, mas com cores contrastantes (em geral vermelho), além de boca e outros elementos adicionais como cabeleira, bigodes, óculos e outros adereços, de acordo com a personagem.

Há também caretas de papelão que podem ou não ser pintadas. Essas apresentam orifícios para a boca e para os olhos e, em boa parte dos casos, possuem formas mais rígidas e geométricas. As caretas de barro ou grude de tapioca, ao contrário, apresentam, na maioria das vezes, feições irregulares e assimétricas, com utilização de volumes, texturas e formas mais orgânicas.

Quanto aos Bichos, os gêneros e formas são extremamente diversificados. Alguns artistas produzem o corpo de suas bicharadas com cofos (cestos de palha) recobertos de tecido. Outros confeccionam as armações com estruturas de varas, revestidas com papelão ou com a entrecasca do buriti. As cabeças podem ser feitas com madeiras leves, isopor, papelão e latas, entre outros materiais. Além disso, os bichos podem ser recobertos de tecido, penas e plumas, peles de carneiro, plástico, estopa ou TNT, de acordo com a intenção do produtor e do cliente e a disponibilidade de matérias-primas.

Bichos que apresentam as costas vazadas (caso das Burrinhas, por exemplo) são feitos para serem vestidos pelo brincante - que fica exposto da cintura para cima - com uma espécie de suspensório. A indumentária de bichos como onças e macacos, ao contrário, em muitos casos é composta por uma espécie de macacão de tecido e máscaras, que escondem a identidade do ator.

A confecção das "roupas" dos bichos possui duas vertentes: a roupa para o uso de uma pessoa ou para a manipulação através das mãos. O processo de confecção, às vezes, requer a mão-de-obra de uma costureira:

"Eu mandei [...] a costureira cortar tudinho, ela costurou, foi de saco de estopa que era o macaco. Aí eu desfiar aquele nalho, pinteí, fiz a máscara do macaco, pinteí, botei aquela coisa tudo pintado aqui pra dizer que era o cabelo pela frente tudinho. E fiz a luva pra quem fosse brincar, metia o dedo representava a mão do macaco e tal daqui de acolá. [...] Se é uma preguiça, se é um boi também e se é vestido assim de outra pessoa, uma onça, um macaco, uma girafa todo esses tipos de coisa nós tem que fazer pra sair uma pessoa, sempre uma pessoa dentro". (Elias Lima Cunha).

Uma modalidade de Bicho que, ocasionalmente, é utilizado para representar assombrações e seres fantásticos, constitui-se de uma cabeça suspensa por uma vara e um longo tecido que esconde o brincante, caso de algumas formas de "curaganga".

Há, também, bonecos que podem ser manipulados sem serem "vestidos", caso de cobras e figuras humanas de pequena proporção¹, que podem ser usados em conjunto com outros brinquedos para representar presas de animais ferozes, crianças, cadáveres, bem como inúmeros elementos de acordo com as encenações criadas pelos palhaços.

¹ FEITOS DE TECIDO COM ENCHIMENTO OU DE ISOPOR, PODEM SER VESTIDOS COM ROUPAS DOS BRINCANTES OU COM PEÇAS FEITAS ESPECIALMENTE SOB MEDIDA.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**MA 01 00 05 F60 01**

A produção de Raimundo Leal, o Baguinho, contempla os bichos mais variados possíveis, que resultam dos enredos de comédias de grupos da região de Guimarães: zebras, onças, cobras, bodes, burrinhas, além de seres fantásticos tais como Bichos de Quatro ou Sete Cabeças e Bonecos, produzidos a critério da imaginação do artista e dos brincantes que fazem encomendas.

10.2. PROCESSO DE TRABALHO E COMERCIALIZAÇÃO²

ETAPA		ATIVIDADE
Confecção de Bichos - Técnica descrita por Clodoaldo Carneiro		
Aquisição de materiais	de	Coleta de materiais diversos para a confecção dos bichos. As matérias-primas variam de acordo com o animal representado. Neste caso, o processo se refere à confecção de bichos que apresentam uma estrutura que permite ao manipulador brincar escondido sob a carcaça.
Confecção de arcos	de	Nessa etapa são produzidos arcos, feitos de varas, para estruturar o corpo dos bichos. Também é utilizado arame. Segundo Clodoaldo, “Primeiro é os arcos. [...] Os arcos, por que nos escolhemos no mato assim uns paus, umas varinhas e aí completa com arame”.
Confecção de acabamento	e	Produção do corpo e da cabeça do animal representado. Nesse caso, o bicho foi confeccionado em madeira talhada e, posteriormente, pintada. Na boca, são colocados dentes. Para simular os olhos, Clodoaldo utiliza petecas (bolas de gude). “A cabeça se eu vou fazer um jacaré é de pau, aí faz armação todinha, aí cavo, depois que eu cavo, faço igual a um jacaré, aí eu vou colocar os dentes dentro tudinho, os olhos que é a peteca que bota, aí eu vou pintar ele a cabeça dele pra ficar parecido um jacaré”.
Confecção de cobras - Técnica descrita por Clodoaldo Carneiro		
Produção do “saco” e colocação de enchimento	do e de	Segundo Clodoaldo Carneiro, há várias formas de bicho: “Tem uns que faz [...] pra entrar debaixo e tem que não faz pra entrar debaixo, só mesmo pra levar ele pra fazer a apresentação. [...] Tem que ter o saco, se for de saco a gente faz saco e aí conforme o bicho que a gente vai fazer, o tipo do bicho. Tinta. Tudo isso tem”. As cobras, ness caso, não possuem armação de madeira e são feitas com tecido talhado em formato cilíndrico e preenchidas com panos. Segundo Clodoaldo, “o bicho que não tem armação de madeira é só a cobra que faz mesmo é tipo um saco, que a gente compra o pano ela comprida a gente costura de fora e vai enchendo, enche de [...] pano, bem cheinha até ficar meia durinha”. Para complementar a caracterização do bicho, Clodoaldo pode pintar o corpo e a cabeça do brinquedo.
Confecção de Caretas de Palhaço - Técnica descrita por Clodoaldo Carneiro		
Aquisição de materiais	de	Obtenção de barro, papel, grude de tapioca e tinta - materiais utilizados para confecção das caretas que não são feitas com madeira. Quanto ao grude de tapioca, Clodoaldo comenta: “[...] a gente não tem a roça, a gente compra a mandioca pra tirar a tapioca, porque é melhor assim na tapioca, porque a cola ela é boa, mas ela custa mais endurecer. E aí na tapioca é mais rápido pra endurecer”.

² OPTAMOS POR APRESENTAR AS TÉCNICAS EMPREGADAS POR CADA ARTISTA SEPARADAMENTE EM VIRTUDE DE SUAS ESPECIFICIDADES.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER		MA	01	00	05	F60	01
Modelagem da Careta	Essa etapa consiste na produção de volumes, formas e texturas a partir da modelagem do material. Posteriormente as caretas são expostas ao sol e, após a secagem, são pintadas. De acordo com Clodoaldo, “As caretas a gente amassa o barro, bem amassadinho, deixa ele ligar. Faz a forma aí do tipo que a gente quiser fazer a forma. Se quiser fazer uma forma bem bonitinha faz, se quiser fazer um cara feio mesmo, com a careta feia a gente faz do jeito que dá pra fazer a careta. Aí cobre tudinho de papel, primeiro a gente banha ela com cola, e aí vai pregando os papel [sic] tudinho [sic] até ela ficar dura. Aí quando ela ficar durinha a gente bota no sol, endureceu a gente tira, fica só... Saiu o papel fica só a forma lá. Aí se quiser fazer até dez desse jeito faz. Mas pra mudar, a gente faz uma de um jeito, outra de outro, pra não ficar só um tipo de careta. [...] Aí tem que mudar, faz umas de um jeito e outra de outro”.						
Confecção de Bichos e Bonecos - Técnica descrita por Raimundo Leal							
Obtenção dos materiais	Aquisição de materiais de acordo com a concepção do trabalho. Podem ser empregados papéis, tecidos, linha, buriti, pindoba, galhos de madeira, molas, dentre outros.						
Confecção do Corpo	Montagem da parte estrutural do bicho ou boneco para, em seguida, criar as outras partes como pés, braços e cabeça. “Olha primeiro pra fazer, pra fazer um boi, pra fazer uma burrinha, primeiro eu tenho que fazer o corpo dele, tem que fazer o corpo dele [...]”.						
Confecção da cabeça, pés e braços	Etapa final de montagem dos bichos ou bonecos. “Então aquilo a gente faz o corpo dele, acabando a gente forma os pés deles ou a cabeça pra cá e dava uma altura assim, botava um pano, um pano assim [...] coloca lá que é cabeça dele, pra fazer a cabeça dele e aí a gente começa do corpo”.						
Confecção de Bichos de Cofo – Técnica descrita por Elias Cunha							
Confecção dos Bichos: cabeça e corpo	Nesse caso, para a confecção dos bichos não há uma seqüência fixa. A confecção depende do animal a ser representando na matança. Assim, o artesão pode começar pela cabeça do bicho ou pelo corpo sempre no sentido de experimentar e testar materiais e possibilidades. Segundo Elias Cunha, “Uma galinha: ah, mas tem que ter uma galinha pra representar na brincadeira. Aí tem que ser feito pelo um cofo, aí cobre, bota pena, aí faz, vê o buriti, aí faz a cabeça da galinha, o pescoço, tudo cobertinho no cofo. Aí cobre, aí nós bota lá é uma galinha, uma galinha nós sai puxando, aí uma galinha, um galo, uma qualquer... Um peru, às vez, se for um peru, nós faz tudo isso, mas tem que fazer um peru que seja que uma criança entre pra representar, tudo isso”.						
Confecção das roupas para os bichos	O produtor dá por encerrada a sua tarefa moldando o corpo do bicho com a “roupa”. Pode-se recorrer a penas, plumas, peles de carneiro e tecidos, dentre outros materiais.						
Confecção de Bichos de Vestir - Técnica descrita por Elias Cunha							
Confecção das roupas para os bichos vestidos por crianças e adolescentes	O artesão, de acordo, com o bicho a ser confeccionado, compra ou consegue os materiais necessários e encomenda a costura: “Se é uma preguiça, se é um boi também e se é vestido assim de outra pessoa, uma onça, um macaco, uma girafa todo esses tipos de coisa nós tem que fazer pra sair uma pessoa, sempre uma pessoa dentro”. No processo de confecção de um macaco, por exemplo, Elias trabalhou da seguinte forma: “Eu mandei [...] a costureira cortar tudinho, ela costurou, foi de saco de estopa que era o macaco. Aí eu desfiarei aquele nalho, pinteí, fiz a máscara do macaco, pinteí, botei aquela coisa tudo pintado aqui pra dizer que era o cabelo pela frente tudinho. E fiz a luva pra quem fosse brincar, metia o dedo representava a mão do macaco e tal daqui de acolá”.						
Confecção de Caretas dos Bichos - Técnica descrita por Elias Cunha							

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	MA	01	00	05	F60	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

Confeção das caretas dos bichos	Há diversos procedimentos para a confecção de caretas de Bichos. O artista pode elaborar o desenho do animal em um papel, que serve de molde, e confeccionar a careta com isopor ou papelão. As caretas podem ser pintadas e pode-se optar por fixar tecido na parte de trás. "[...] Aí desenha num papel, aí coloca, aí faz em cima de um isopor, risca pra fazer o tipo. Agora no papelão quando nós sai... Fazia a máscara de frente pra trás botava o pano pra amarrar pra pessoa não conhecer. Mas só por meio de tesoura, lápis, desenhava, pintava de carvão. Nada disso a gente não tinha essa idéia pra comprar tinta. [...] Aí quer dizer que aí eu risquei por cima [...] esse aí não foi papel, aí foi riscado de lápis por cima desenhando, acabei fui cortando tudinho. Aí fiz boca tudinho, fiz o queixo tudinho, aí pinte. Que o isopor é branco aí teve que pintar toda a cor do macaco".
---------------------------------	--

10.3. PRINCIPAIS PARTICIPANTES

STATUS	FUNÇÃO
Artista/artesão	Confecciona as caretas (máscaras) e os bichos, determinando juntamente com o cliente a temática e a forma que as peças deverão assumir.
Costureiras	Podem, ocasionalmente, ser chamadas para talhar e costurar uma determinada roupa de bicho.

10.4. CAPITAL E INSTALAÇÕES

DESCRIÇÃO	Os artistas trabalham em suas próprias residências, não sendo necessárias instalações especiais para o desenvolvimento da atividade. Em alguns casos, os produtores dispõem de ferramentas, mesas e bancadas utilizadas em marcenaria ou carpintaria por terem essas profissões como principal fonte de renda (caso de Raimundo Leal).
QUEM PROVÊ	O produtor.
DESCRIÇÃO	No que diz respeito aos recursos investidos na produção das caretas e bichos, o artista pode empregar seu próprio dinheiro (quando confecciona as peças para uso próprio) ou utilizar os proventos da venda dos seus produtos, comercializados para integrantes dos grupos de Bumba-meu-boi da sua região.
QUEM PROVÊ	O próprio artista ou seus clientes.

10.5. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO

DESCRIÇÃO	Tecidos, pindova, buriti, arame, molas, galhos de árvores, tinta, pincéis, linha, espuma, TNT, peles de animais.
QUEM PROVÊ	O produtor
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Empregados na confecção dos Bichos e bonecos das comédias de Bumba-meu-boi de Guimarães. A variedade dos materiais se deve à diversidade de criações. Assim, de acordo com o tipo de objeto solicitado e com a engenhosidade do artesão, recorre-se aos materiais adequados.
DISPONIBILIDADE	Parte dos materiais pode ser encontrada nas matas próximas ao local da atividade. Os demais são adquiridos no comércio local.
DESCRIÇÃO	Couro, buriti e papelão
QUEM PROVÊ	O produtor ou os clientes, que encomendam a atividade com recursos próprios ou das brincadeiras de Bumba-meu-boi nas quais atuam.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Materiais utilizados para a confecção das máscaras e caretas utilizados nas matanças. "Sempre tem que usar é qualquer um tipo de material que nós vê que segura, nos temos que desenhar em cima pra aparecer. É em cima de um couro que é sempre duro, uma coisa que sempre fica dura, um papelão duro, o isopor, tem muita coisa que tem que usar mesmo [...] essas coisas tudo nós tem que usar pra aparecer".

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	MA	01	00	05	F60	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DISPONIBILIDADE	O buriti pode ser encontrado nas matas da região. O couro pode ser obtido por meio de caça de animais silvestres ou abatimento de criações domésticas.
DESCRIÇÃO	Saco de estopa e saco de nylon
QUEM PROVÊ	Produtor de bichos e caretas de comédia.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Necessários para a confecção de bichos que possuem “pêlos” conseguidos a partir do desfiamento de sacos.
DISPONIBILIDADE	A matéria-prima é facilmente encontrada na localidade.
DESCRIÇÃO	Isopor
QUEM PROVÊ	Produtor de bichos e caretas de comédia.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Base onde são esculpidas algumas caretas de bichos. “O isopor nós faz muito assim se for uma onça, um macaco e nós sempre faz assim de isopor. Mas seria melhor mais é de papelão, aí nós vê o [...] a cola aí nós vamos só... Vai engrossando, vai... Risca e vai só colocando pra ficar durinho, pra ficar, quanto mais ficar mesmo durinho mesmo é uma beleza”.
DISPONIBILIDADE	Encontrado em armazinhos da região.
DESCRIÇÃO	Tecidos diversos
QUEM PROVÊ	O produtor ou os clientes, que encomendam as peças com recursos próprios ou das brincadeiras de Bumba-meu-boi nas quais atuam.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	São necessários para a confecção dos “bichos de vestir”. Os tecidos são utilizados para a confecção de roupas e luvas dos bichos representados. “Tem a cobra, nos faz de... Usa aquele pano comprido, emenda, pinta a cor da cobra, faz a cabeça aí quando terminar de representar porque na hora de representar tem que ter o arco tudinho, aí a gente vai coisando. Aí a cobra aparece lá no meio do cordão é uma pessoa que tá dentro arrastando ela lá. Na hora que termina desmacha aquilo tudinho, amarra pra sair, que não pode andar assim pronto”. (Elias Cunha)
DISPONIBILIDADE	Encontrado em armazinhos ou mercearias da região.
DESCRIÇÃO	Fio e arame
QUEM PROVÊ	O artesão
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Utilizados para moldar o corpo dos bichos
DISPONIBILIDADE	Encontrado em qualquer mercearia da cidade.
DESCRIÇÃO	Barro
QUEM PROVÊ	O artesão
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Utilizado na confecção das caretas
DISPONIBILIDADE	Encontrado em terrenos argilosos da região
DESCRIÇÃO	Papel, tinta, cola, grude de tapioca
QUEM PROVÊ	O artesão
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Utilizada na confecção das caretas
DISPONIBILIDADE	Encontrado nos armazinhos da região ou mercearias
DESCRIÇÃO	Tesoura, faca, facão, prego, formão, enxó, mesa de madeira e serrote.
QUEM PROVÊ	O artesão

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**MA 01 00 05 F60 01**

FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Ferramentas utilizadas para a confecção de máscaras e bichos.
DISPONIBILIDADE	São de propriedade do produtor.

10.6. COMIDAS E BEBIDAS

DESCRIÇÃO	Não há.
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.7. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS

DESCRIÇÃO	Não há.
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.8. TRAJES E ADEREÇOS

DESCRIÇÃO	Não há.
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.9. DANÇAS

DESCRIÇÃO	Não há.
QUEM EXECUTA	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.10. MÚSICAS E ORAÇÕES

DESCRIÇÃO	Não há.
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.11. INSTRUMENTOS MUSICAIS

DESCRIÇÃO	Não há.
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.12. ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO

EXECUTANTE	ATIVIDADE
-------------------	------------------

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	MA	01	00	05	F60	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

O artista	Comercialização dos Bichos e Caretas, quando produzidos por encomenda.
O brincante	Utilização dos Bichos e caretas nas Palhaçadas (representações cênicas que ocorrem nas apresentações de algumas brincadeiras de Boi paralelamente ao canto e à dança).

11. DESTINAÇÃO DO PRODUTO

PARA USO PRÓPRIO ☒	VENDE ☐	TROCA ☐	OUTRO ☐	As máscaras e caretas podem ser utilizadas pelo próprio produtor, quando este atua como palhaço de alguma turma de Bumba-meu-boi.
PARA USO PRÓPRIO ☐	VENDE ☒	TROCA ☐	OUTRO ☐	Os artefatos podem ser comercializados pelos produtores, tendo como clientes os palhaços dos grupos de Bumba-meu-boi que encomendam as peças.
PARTICIPAÇÃO NA RENDA FAMILIAR	SIM ☒	NÃO ☐	PRINCIPAL FONTE DE RENDA ☐	COMPLEMENTO ☒
MODO DE COMERCIALIZAÇÃO	DIRETO ☒	INTERMEDIÁRIO ☐	COOPERATIVA / ASSOCIAÇÃO ☐	

12. PARTICIPAÇÃO EM COOPERATIVAS OU ASSOCIAÇÕES

Os artesãos pesquisados não estão ligados a nenhum tipo de cooperativa ou associação.

13. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Bumba-meu-boi	MA 01 00 05 F20 01
Autos e Matanças do Bumba-meu-boi	MA 01 00 04 F40 01

14. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

--

15. DOCUMENTOS INVENTARIADOS

15.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL.

15.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS
Ver anexo audiovisual.

15.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS
Ver anexo audiovisual.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	MA	01	00	05	F60	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

16. OBSERVAÇÕES**16.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO**

Recomendo aprofundamento do estudo da produção de Bichos, Caretas e Bonecos, com aplicação de questionários junto a artesãos de São Luís, para registro deste bem cultural no Livro de Ofícios e Modos de Fazer do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

16.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA**16.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES****17. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA**

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS	MA 01 05 05 Q20 02 - Felício Clemente Martins MA 01 04 05 Q60 04 - Clodoaldo Carneiro MA 01 05 05 Q60 04 - Elias Lima Cunha MA 01 05 05 Q60 06 - Raimundo Leal		
PESQUISADOR	Clícia Adriana Abreu Gomes.		
SUPERVISOR	Edyene Moraes dos Santos, José Raimundo Araújo Júnior, Wilmara Aparecida Silva Figueiredo.		
REDATOR³	Edyene Moraes dos Santos e José Raimundo Araújo Júnior	DATA 21/04/2008	
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Elisene Castro Matos		

³ Revisado por Izaurina Nunes em junho/2008.